



Protestantismo em Revista é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

## Flor do Sul e amnésia cultural: um clube de negros, uma geração e o esquecimento – Taquara/RS – 1975/2014

“Flor do Sul” and cultural amnesia: a black club, a generation and forgetfulness

Edianie E. Azevedo Bardoni\*

### Resumo

Este texto versa sobre um clube para negros que funcionou no município de Taquara, no vale do Paranhana, no Rio Grande do Sul, até a década de 1970. Este, que foi um território negro naquele município, hoje é desconhecido pela maioria dos jovens. Isto demonstra a existência de uma amnésia cultural na cidade e para com a memória da Sociedade Flor do Sul. Busca-se uma reflexão para entender os mecanismos desta localidade em não lembrar as atividades realizadas neste clube, e a falta de preservação e valorização de aspectos da cultura afro-brasileira nesta cidade.

### Palavras-chave

Clube negro. Amnésia cultural. Esquecimento. Afro-brasileiros.

### Abstract

This text is about a club for black people that operated in the city of Taquara, in the Paranhana valley, Rio Grande do Sul, until the 1970s. This, which was a black territory in that county, is now unknown by most young people. This demonstrates that the existence of a cultural amnesia in the city and for the memory of the “Flor do Sul” Society. A reflection is sought to understand the mechanisms of this locality in not remembering the activities performed in this club, and the lack of preservation and appreciation of aspects of the Afro-Brazilian culture in this city.

### Keywords

Black club. Cultural amnesia. Forgetfulness. Afro-Brazilians.

---

[Texto recebido em 28/07/2015 e aceito em 15/09/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc].

\* Edianie Eliomara Azevedo Bardoni. Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel. Formada em Pedagogia com Especialização em Psicopedagogia e História Africana e Afro-Brasileira. Professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS-Brasil. E-mail: edianie@yahoo.com.br

## **Introdução**

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa do curso de mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural que está sendo desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas pela autora. Discute questões de memória e identidade relacionando-as à pesquisa sobre a Sociedade Flor do Sul, clube de negros que funcionou na cidade de Taquara no século passado. Um território negro que está entrando no esquecimento das novas gerações de habitantes da cidade. Sabemos que a memória é um veículo de comunicação para além do individual e das dificuldades em estabelecer a transmissão destas memórias coletivas com o passar dos anos, principalmente ao segmento jovem, com novas aspirações e interesses. A pesquisa busca refletir sobre o esquecimento e o funcionamento desta cidade para com a Sociedade Flor do Sul, que não existe mais, mas que foi um importante espaço para os negros da cidade pensando em algumas das ideias de Joel Candau e outros autores. Também apresenta alguns aspectos da vida de Palmira de Souza, idealizadora do clube; a cidade de Taquara e seu crescimento, as atividades do clube sob a perspectiva dos mecanismos da memória, e o funcionamento do clube, lugar de memória que poderá estar fadado ao esquecimento.

## **Clube For do Sul e a amnésia cultural**

A Sociedade Recreativa e Bailante Flor do Sul funcionou entre os anos de 1950 e 1975, tendo à frente de suas atividades uma mulher, a matriarca da família, Palmira Antônia de Souza, na cidade de Taquara. Fato esse importante, pois apesar de nossa historiografia usar o gênero masculino para tratar da questão do negro no Brasil, a mulher negra sempre esteve presente, protagonizando ou sendo coadjuvante dos movimentos sociais e políticos. Palmira, neta de uma ex-escrava e de um imigrante, falava fluentemente o alemão. Mudou-se para Taquara quando seu esposo, João Manoel de Souza, foi transferido devido à expansão dos trabalhos na via férrea.

Taquara é um município com privilegiada localização geográfica, sendo elo de ligação entre regiões importantes como a Serra Gaúcha e o Litoral, Vale dos Sinos e Região Metropolitana e entre a Serra e o Litoral Gaúcho, 73km distante da capital. A falta de um lugar onde os filhos pudessem se divertir sem serem discriminados foi um dos motivos que a levaram a iniciar suas atividades. Em um primeiro momento, o Flor do Sul funcionou em um salão de madeira pequeno que precisou ser logo ampliado devido à crescente procura pelo público. O endereço, porém, era o mesmo: Rua Marechal Floriano, n. 2184, não muito distante do centro da cidade.

Palmira de Souza(1909-1988)  
15 anos do Clube Flor do Sul.



Fonte: Acervo Família Souza

No Brasil, no mesmo período, havia em funcionamento vários clubes para negros em virtude da configuração social da época. A exemplo disto, na zona norte do Rio de Janeiro funcionava o Renascença Clube, que entre os seus objetivos, registrado em estatuto pretendia “promover e estimular a união e o espírito de solidariedade entre os sócios e pessoas de suas famílias sem qualquer prevenção de preconceito”. O que fica claro nesse artigo do estatuto do referido clube é que negros e brancos não frequentavam os mesmos espaços sociais, e que o preconceito estava presente em nosso país. Mesmo os negros que possuíam boas condições econômicas estavam privados de frequentar clubes tradicionalmente de brancos, sendo necessário criar um espaço que os acolhesse para realizarem atividades recreativas, esportivas e dançantes.

Sônia Giacomini, autora do livro *A alma da festa*, que conta a trajetória do Clube Renascença, afirma:

[...] o clube veio preencher um vazio existente desde sempre. A iniciativa até hoje tem sua necessidade e relevância ressaltadas, poder-se-ia dizer legitimadas, pelo fato de que os negros eram – e, para alguns, ainda são – discriminados. O Renascença nasceu como uma resposta a discriminação, ou melhor, a segregação imposta aos negros na cidade.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> GIACOMINI, Sônia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte de Rio de Janeiro - o Renascença Clube*. Minas Gerais: UFMG, 2006. p. 29.

Folia de carnaval- anos 60



Fonte: Acervo Família Souza

Na cidade de Taquara, estavam em funcionamento, durante o referido período, primeiras cinco décadas do século passado, a Sociedade Atiradores, Clube dos Ferroviários e Atiradores, com frequentadores da classe menos favorecida, o Clube 5 de Maio, destinado à classe média e à sociedade germânica e, para o público de alto poder aquisitivo, a elite, o Clube Comercial. Pelo fato de a realidade brasileira no momento ainda estar sob a influência dos resquícios escravocratas, os negros não podiam frequentar tais espaços. Só o faziam na realização de atividades subalternas, como serviços de limpeza e, raramente, como garçons.

Nos anos de 1950 e 1960, foram realizadas no Brasil uma série de pesquisas visando a entender as relações raciais.<sup>2</sup> Como resultado destas pesquisas, notou-se nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul o aparecimento de tensões raciais crescentes, com o diagnóstico de que existia preconceito e este era forte, mas negado.

Entende-se por preconceito uma “atitude desfavorável para com um grupo ou indivíduos que nele se insere, baseada não em seus atributos reais, mas em ideias preconcebidas, sendo este uma das molas propulsoras do racismo”.<sup>3</sup> O preconceito pode ser percebido de forma individual e no âmbito coletivo, independentemente do *status* social do indivíduo.

Também neste período acontece uma série de movimentos sociais no país que demonstram o descontentamento da população. Segundo Abdias do Nascimento, um dos criadores do Teatro Experimental do Negro em 1944 e grande defensor dos direitos dos afrodescendentes, desde o início do século passado existiam movimentos espalhados por todo o território brasileiro, com as massas protestando contra a discriminação racial e a exclusão desses grupos dos processos econômicos e sociais. A segregação nos cinemas,

<sup>2</sup> GUIMARÃES, Antônio S. Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005. p. 73.

<sup>3</sup> LOPES, Nei. *Dicionário Escolar Afro-Brasileiro*. São Paulo: Selo Negro, 1985. p. 135. Verbete: Preconceito.

teatros, barbearias, hotéis, restaurantes, enfim todo o elenco de espaços brasileiros em que os negros não entravam, constituía um alvo de ação e reivindicações da Frente Negra Brasileira.<sup>4</sup> Fato este que pode ser percebido também na fala da filha de Palmira, como um fato recorrente na cidade gaúcha no século passado.

[...] a gente já sabia, a gente se criou sabendo que não era para se misturar.[...] A gente estava em cima da calçada e eles tocavam nós! Não podia ficar na calçada porque era negro! Barbeiro em Taquara tinha que ter barbeiro para negro, porque branco não cortava o cabelo do negro! O Café que tinha em Taquara, tinha um café, no café não entrava negro! Só passava na frente! A dona P. (branca) uma amiga nossa [...] ela nunca proibiu negro de entrar no cinema.<sup>5</sup>

O registro dessa entrevista com uma das filhas de Palmira ilustra um momento da história do nosso país que não deve ser ignorado ou fazer parte do esquecimento coletivo nacional, uma espécie de *apartheid* camuflado!

As lutas dos movimentos negros sempre buscaram uma visibilidade positiva para esse segmento em nossa sociedade, de modo que a história dos afrodescendentes não ficasse pautada apenas pelo período escravocrata. É necessário que o negro apareça como um povo que sempre resistiu à escravidão e se tenha clareza de que as imagens torturantes nos livros sejam vistas como as que mostram “trabalhadores sem salário na condição de escravos” e não, convenientemente, como o que melhor se adaptou ao trabalho escravo, visto que o indígena era “preguiçoso”! Ideias que ainda são presentes nas memórias de alguns professores e salas de aulas do Brasil e que geram desconforto aos alunos negros e estimulam o falso pensamento de uma superioridade branca. Essas práticas levam a sérios conflitos e desigualdades em nossa sociedade, muitas vezes ocultos, mas perceptíveis.

Complementando o que foi mencionado, o “jogo social da memória e da identidade” descrito por Candau,<sup>6</sup> pode servir de apoio quando procura descrever a exteriorização do pensamento e toda a cadeia de memórias. Segundo o autor, quando repetimos várias vezes a um determinado grupo uma ideia, os indivíduos estarão a princípio reproduzindo e transmitindo essas memórias. As estratégias sociais utilizadas para a construção da identidade, muitas vezes de maneira sutil ou perversamente, atuam em um “complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento”. Logo, a necessidade de serem construídos clubes de acordo com a classe social e a cor da pele, também estará contribuindo para a formação da identidade dos povos negro e branco, no qual se salienta

<sup>4</sup> NASCIMENTO, Abdias; NASCIMENTO, Elisa L. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1977. In: HUNTLEY, Lynn; GUIMARÃES, Antônio S. A. (Orgs.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 205.

<sup>5</sup> MOTTA, Odete de Souza. Entrevista concedida a Edianie Azevedo Bardoni em julho de 2009 para a pesquisa do curso de História africana e afro-brasileira da FAPA-RS.

<sup>6</sup> CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 105.

a diferença entre as pessoas baseada em características físicas e não pelo caráter ou conhecimento.

O mito da democracia racial de Gilberto Freyre<sup>7</sup> difunde que a sociedade brasileira, através do sistema de patriarcado na colonização do Brasil, em que as três raças - índio, negro e branco - aprendessem a conviver com certa harmonia, criando uma sociedade multirracial. Essas ideias não evidenciaram uma realidade, a obra não destaca a grande resistência dos negros, negras e indígenas em todos os momentos do período escravocrata e posteriormente a este. Sabemos que os “escravizados fizeram sim parte importante do sistema econômico, social e político junto com os integrantes da casa-grande”.<sup>8</sup>

Porém, o conteúdo do que é transmitido como verdade social corre o risco de passar a ser uma verdade e mesmo não sendo, o será, pois passa a integrar a memória e crença do grupo social, difícil de ser modificada do imaginário coletivo com o passar dos anos. O legado deste período foi um forte componente no momento em que a Sociedade Flor do Sul abria suas portas. Descendentes de migrantes europeus conquistaram seus espaços com seu trabalho, cultura e conhecimento. Representavam o futuro e o desenvolvimento do país. Os descendentes de africanos, ao contrário, lembravam a dor, o sofrimento, a miséria e o atraso.

Para o cientista político Johann Michael, os movimentos sociais brasileiros se dedicam a desconstruir o que foi consolidado com o mito da democracia racial, que coloca a fusão harmoniosa das raças nas relações sociais brasileiras. Para o autor, esse mito serve para mascarar o passado escravagista imposto à população brasileira de origem negra ou indígena, bem como ocultar sua contribuição na construção da sociedade e da cultura no nosso país.<sup>9</sup>

Os movimentos citados por Abdias do Nascimento também eram percebidos em Taquara, em proporções semelhantes, como pode ser lembrado nas falas de Odete, uma das filhas mais jovem de Palmira. Em sua entrevista em 2009, deixou claro como eram as relações e as formas de resistência com relação à presença do negro em alguns ambientes daquela cidade. O que oficialmente não era dito era fato nas práticas rotineiras em um município que teve, na sua origem, o imigrante como fundador.

Em 2008, em homenagem aos 120 anos de fundação da cidade, foi lançado o livro *Raízes de Taquara*, dos autores Barroso e Mossmann. Em dois volumes, pode-se conhecer a história daquele município na sua origem portuguesa, italiana e germânica, em artigos sobre pessoas importantes, colaboradores, comerciantes, famílias que, enfim, marcaram

---

<sup>7</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

<sup>8</sup> FREYRE, 2006, p. 36.

<sup>9</sup> MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política de esquecimento? *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 3, ago./nov. 2010. Disponível em: <<http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/35/35>>. Acesso em: 28 maio 2014.

presença positiva para a cidade. Mostra o crescimento da cidade passando por estes grupos étnicos e a importância deles para a cidade até os dias de hoje.

O que não ficou claramente documentado nestes volumes foi a presença do escravizado africano. Este, antes da chegada da maioria dos imigrantes, já estava por lá, assim como os indígenas, trabalhando arduamente nas fazendas como agricultores, pecuaristas e construtores das casas grandes e senzalas. Realidade incomodativa para um dos Estados mais brancos do Brasil: o negro e o indígena estão na sua origem.

O livro reserva poucas páginas para citar algum fato que remeta à presença do negro na região. Há um artigo de uma página, com total falta de aprofundamento no assunto, sobre a existência de um lugar no qual os habitantes se intitulam descendentes de escravizados. O local é denominado de “Quilombo”, na localidade do Paredão Alto.<sup>10</sup> As informações são o relato de uma senhora, à época com 77 anos, que se vale de sua memória para contar a vida local e dos seus antepassados. O segundo artigo refere-se a uma festa que aconteceu em uma colônia alemã na qual um negro que dançava com uma moça branca foi esfaqueado e morreu. Neste há referências ao processo aberto para esclarecer o caso, que se passou um ano antes da Abolição, em outubro de 1887. Segundo os registros apresentados, o negro foi supostamente morto por ter tido a audácia de dançar com a moça branca, deixando a entender que conflitos étnicos eram grandes e a presença negra nas festas dos brancos era tida como uma afronta, resolvida na ponta da faca, visto que, como se pôde observar na narrativa, os acusados nada sofreram, pois o julgamento só aconteceu em 1910, quando o crime já estava prescrito.

É emergente a necessidade de refletir sobre a dinâmica desse município em “esquecer” ou não ir em busca de maiores informações sobre a presença dos afrodescendentes em suas 1568 páginas de rememoração, lembranças e homenagens. Contemplar os afro-descendentes com informações vagas a respeito da vida deles na cidade seria um “esquecimento” voluntário, falta de conhecimento ou investimento na causa? Os negros aparecem breve e indiretamente em textos que citam a presença do indígena e do africano como escravos, tendo alguma participação em atividade na formação do Estado (as fazendas possuíam escravos ou o serviço era realizado por escravos).

A exemplo disto, o texto que trata do inventário da proprietária da Fazenda Mundo Novo, a Sra. Libania Corrêa Leams que, após dividida em lotes e comercializada com os imigrantes, daria origem à cidade de Taquara, narra que a fazenda era constituída por roças, um engenho, um jogo de pedras para moer, uma roda de ralar, alambique e cultivo de grãos. Havia também ferramentas e instrumentos para o trato com animais e na lavoura. “Também foram declarados cinco escravos, o que aponta para uma fazenda de

---

<sup>10</sup> BARROSO, Vera Lucia Maciel; MOSSMANN-SOBRINHO, Paulo Gilberto (Orgs.). *Raízes de Taquara*. v. 1. Porto Alegre: EST, 2008. p. 1318.

desenvolvimento voltado à agropecuária”.<sup>11</sup> Tais detalhes deixam bem clara a presença do africano e seus descendentes na região onde hoje é a cidade de Taquara, mas não fica registro da importância do trabalho escravo no mesmo patamar concedido ao do imigrante.

O livro possui uma seção aos homenageados com mais de noventa anos, entre os quais uma senhora negra entre a maioria branca. Um dos capítulos destina-se às atividades culturais e festivas do passado. Nele citam-se atividades dos clubes e festividades religiosas. Não é citada nenhuma atividade religiosa ou festiva relacionada ao povo negro, nem tampouco os clubes negros, em plena atividade, foram lembrados.

Diferentes memórias formam a nossa identidade e através delas poderemos criar uma imagem contraditória de nós mesmos ou de uma realidade que nem todos conseguirão suportar e gerenciar em sua formação. Ter a imagem de construção e crescimento da cidade associada aos imigrantes e sua cultura é apostar no turismo com uma visibilidade positiva do município. O contrário seria ter suas raízes ligadas ao sofrimento e à exploração da mão de obra escrava.

Podemos considerar que memórias incomodativas, dolorosas, podem gerar uma amnésia e as novas gerações não tomarão conhecimento dos fatos, pois eles não são interessantes e causam um desconforto aos governantes e à população. Também porque os que estão à frente no gerenciamento das memórias não têm o conhecimento necessário para (ou não querem) ver além do negro sob a chibata. Passar a ver aspectos positivos da presença do negro na cidade, dando visibilidade diferenciada à presença deste segmento na construção e edificação da cidade e Estado não é tarefa fácil, visto que os pilares de como a nossa sociedade foi construída dizem que o negro é primitivo, sem conhecimento, atrasado, “burro”!

De acordo com Pierre Nora, “na memória da descolonização interior, os grupos, etnias, famílias possuem uma forte bagagem de memórias e fraca bagagem histórica”.<sup>12</sup> A historiografia de Taquara elencou o que lhe foi interessante para passar às gerações como uma memória verdadeira, social e aceitável, adequando as lembranças aos seus interesses e “esquecendo” o que consideraram ser inadequado, apropriando-se das percepções do passado que ressaltam o que se quer contar da história local.

Johann Michel chama de “amnésia oficial” esta falta de interesse dos que estão à frente dos processos de governança em não reativar a lembrança de um povo “dividido e hierarquizado” social, econômica e politicamente. Trata-se de um “amordaçar” de reivindicações materiais em busca de reconhecimento por seus descendentes e populações oprimidas e, por consequência, ocultar o preconceito.

---

<sup>11</sup> BARROSO; MOSMANN-SOBRINHO, 2008, p. 29.

<sup>12</sup> NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In. NORA, Pierre (Org.). *Les lieux de mémoire*. v. 1. Paris: Gallimard, 1984. p. 8.

No caso da cidade de Taquara, há uma total ausência de lugares de memória relativos ao povo afrodescendente, um “silêncio institucional” sobre o tema nos espaços públicos e nos discursos oficiais. Não há uma rua com nome de uma pessoa que tenha contribuído no desenvolvimento da cidade que seja descendente indígena ou afrodescendente. Também não há estátuas, placas ou qualquer referência.

Em 2010, quando a autora deste artigo proferiu uma palestra em uma instituição de ensino superior da cidade, os jovens presentes ao evento desconheciam o fato de que décadas atrás a cidade contava com mecanismos separatistas entre negros e brancos nos espaços culturais e rotineiros da cidade. Uma parcela importante do município, cidadãos em formação, futuro da região, formando sua identidade com dados baseados em apenas uma vertente, a do colonizador.

O quilombo de Paredão Alto (local onde vive a senhora que falou brevemente em um artigo do livro *Raízes de Taquara*) reivindica sua titulação há alguns anos e ainda não possui este documento de direito e de posse. A cidade já foi palco de festividades voltadas às culturas alemã, italiana e portuguesa. Até o momento, apenas o carnaval, hoje embranquecido segundo alguns, faz alguma referência à cultura afro. Essa ausência de comemorações é instrumento de esquecimento e reivindica a necessidade de esquecer, ainda segundo Johann Michel. Para ele, o “esquecimento por omissão” se apresenta como um funcionamento normal da memória, ou seja, a memória, que seleciona os fatos naturalmente (seletiva por natureza), descarta o que não considera importante.

No caso de Taquara, ter um clube para negros e para brancos pode ser considerado um fato desconhecido ou a ser esquecido por muitos. Por outro lado, a negação dos fatos, pode estar relacionada ao que Candau pressupõe: “nem tudo o que é memorizável é memorável”.<sup>13</sup> Segundo o autor, existe sempre uma alternativa entre memória e esquecimento e nem tudo poderá ser lembrado, são escolhas da sociedade. Ou seja, aquilo que uma sociedade entende como relevante ela irá destacar e proporcionar que seja uma referência a ser rememorada. Isso inclui fazer uma seleção de fatos e acontecimentos. E estes fatos, não necessariamente serão aqueles arquivados, engavetados, mas farão parte de “um saber presente” que poderá ser conhecido e transmitido através da oralidade do povo.

A Sociedade Recreativa e Bailante Flor do Sul não existe mais. Era um território legitimamente ocupado por negros da cidade de Taquara e região. Bittencourt afirma que os espaços e subespaços físicos e sociais que apresentam características da presença negra são denominados territórios negros, visto que neles e por meio deles há perspectiva de relações sociogrupais.<sup>14</sup> Os negros desenvolvem o que ele chama de *ethos* específico, ou

---

<sup>13</sup> CANDAU, 2011, p. 94.

<sup>14</sup> BITTENCOURT-JÚNIOR, Iosvaldyr Carvalho. *A esquina do Zaire: territorialidade negra urbana em Porto Alegre*. Porto Alegre: EU Porto Alegre, 1995.

seja, uma subjetividade e estética singulares, um estilo de vida multifacetado. As ideias deste autor podem ser ilustradas na fala de uma das frequentadoras do grupo não pertencente à família.

O cara tinha ali a convivência com os amigos [...] A nossa diversão era ali. Quando chegava na sexta-feira a gente já estava se lembrando, quando chegava o sábado, pra vir para os bailes. É, era o divertimento que tinha. Então [...] a gente se encontrava ali.<sup>15</sup>

Na entrevista, o Sr. Luís Carlos, falecido em julho de 2014, aos sessenta e oito anos, quando entrevistado, em 2009, trabalhava como estofador automotivo. Ele contou que frequentou o clube entre as décadas de 1960 e 1970. Segundo ele, o clube era uma referência aos jovens negros da cidade e entorno, um ponto de encontro onde poderiam se divertir, conversar entre seus iguais. Para o povo negro, a existência do clube não foi esquecida e serviu como suporte para uma vida associativa adaptando-os à sociedade da época, em seus lugares de negros, “lugares de memória” (Pierre Nora), através dos eventos que lhes davam visibilidade positiva, em um clube para negros na sociedade branca.

Durante o período de funcionamento da Sociedade Recreativa e Bailante Flor do Sul, também funcionaram na cidade outros clubes. O clube Flor do Sul, ou Salão da Palmira, ocupava-se de proporcionar entretenimento para a juventude negra da cidade. Negros e brancos não estavam sob o mesmo teto nas atividades sociais. Os demais clubes eram para a população branca. Pela fala dos entrevistados, pode-se perceber que as atividades oferecidas nos dois segmentos eram semelhantes.

Os clubes desenvolviam para seu público bailes, festividades temáticas, destaque à beleza feminina e atividades esportivas. Os registros fotográficos também revelam os cuidados com a aparência nos trajes e cabelos. O público adulto, com mais de sessenta anos, tem conhecimento das festividades e ações dos espaços ocupados por negros e brancos. Quando entrevistados, todos lembraram com saudades dos bons e velhos tempos. Porém, tais memórias não foram suficientes para organizar “representações identitárias” congruentes nos grupos étnicos da cidade. Provavelmente porque, segundo Candau, é preciso que essas memórias façam parte de um “eixo temporal” marcado por referências simbólicas.<sup>16</sup> Precisam ser marcados por uma trajetória singular e não plural (brancos e negros em lados opostos), para ser marcos individuais ou coletivos de uma trajetória coerente para ambos os grupos, pois as nossas escolhas são dotadas de simbolismos frente aos fatos ocorridos ou criados por nossa imaginação. A falta de

---

<sup>15</sup> MELLO, Luís Carlos. Entrevista concedida a Edianie Azevedo Bardoni em julho de 2009 para a pesquisa do curso de História africana e afro-brasileira da FAPA-RS.

<sup>16</sup> CANDAU, 2011, p. 98.

interesse por um acontecimento ocasiona a dissolução do acontecimento, originando o que o autor chama de “memórias fracas”.

Por que se lembrar da existência de um clube para os negros e um clube para os brancos na Taquara dos anos 1950? Quem deveria reivindicar estas memórias? Como transmitir aos jovens esses fatos historicamente próximos de nossa realidade com reflexos em nossa sociedade nos dias atuais? Difícil encontrar a melhor resposta para cada uma das perguntas, mas uma reflexão sobre elas se faz necessária: os negros da cidade tiveram acesso ao livro *Raízes de Taquara*, lançado em 2008? Identificaram-se com os fatos ou se sentiram parte da história?

O fato de Palmira de Souza ser descendente de uma ex-escrava e de um imigrante alemão, exemplifica a diversidade rio-grandense. Este que é conhecido como um dos Estados brasileiros que sofreu e ainda sofre grande influência europeia, ela foi expoente no avanço das relações entre as comunidades negra e branca daquele município. Através das atividades realizadas no clube dos negros, deu visibilidade positiva às representações do patrimônio étnico-cultural brasileiro. O Clube Flor do Sul foi o pano de fundo para a participação de Palmira no processo social, cultural e político da cidade. Fez tessituras que possibilitaram o avanço nas relações entre os negros e os brancos da cidade.

Mas por que as gerações atuais ignoram que funcionaram clubes de negros e brancos em um período da história recente da cidade? Entre as respostas podem ser citadas a falta dos espaços físicos ou registros sobre as atividades que aconteciam, os avanços nas relações entre negros e brancos na cidade – hoje dividem os mesmos espaços – e uma conveniente amnésia histórica.

Os pais e avós de muitos dos alunos que estavam na plateia quando aconteceu a palestra e a eles foi contada a história das atividades e bailes dos negros na cidade ainda devem estar vivos. Em termos históricos, o período é considerado recente. Os familiares dos presentes, na ocasião, devem ter ouvido falar ou até mesmo frequentado alguma atividade do Clube Flor do Sul. Eram poucos os negros na plateia, mas, entre os brancos, é provável que alguns tenham frequentado os clubes destinados a eles. Porém, além de alguns dos professores da instituição e algumas pessoas de mais idade na plateia, os jovens desconheciam o fato. O grupo era composto por alunos da área das humanas em um amplo auditório da faculdade. Esse grupo não viveu o momento em que a sociedade Flor do Sul funcionou, não frequentou seus bailes, sessões de cinema e teatro, nem fez parte dos times de futebol ou vôlei. Não acontecem mais bailes de carnaval em nenhum dos clubes da cidade. Não há, por parte do grupo, como se sentirem parte dessas festas. Seus familiares não socializaram tais fatos. Logo, é como se não tivessem acontecido, não possuem base para lembrarem, pois não viveram esses momentos.

Os tempos são outros! Na voz dos entrevistados e observando a atual situação da cidade de Taquara, percebe-se que os clubes citados saíram da pauta das atividades sociais

das famílias, especialmente dos jovens. Foram substituídos por idas a barzinhos ou outras atividades fora da cidade. O Clube dos Atiradores faliu e é palco de uma disputa judiciária de preservação do patrimônio material, quase em ruínas. O Clube 5 de Maio mantém-se com poucas atividades a maioria voltada para a terceira idade e o Clube Comercial mantém um restaurante, um público pequeno na temporada de piscinas e está à espera de pessoas que queiram alugar o espaço para eventos ou comercialmente.

Este artigo faz parte da pesquisa em mestrado pela Universidade Federal de Pelotas, no curso de Memória Social e Patrimônio Cultural. A pesquisa de campo que está em curso aponta para uma parca existência ou mesmo inexistência de materiais e documentos sobre as sociedades dos negros e dos brancos. Do clube dos negros, restaram algumas fotografias que ilustram as atividades que por lá ocorreram ou de pessoas ligadas a esse território negro. Portanto, faz-se necessária uma pesquisa apoiando-se em entrevistas daqueles que estavam presentes na sociedade taquarense naquele período.

Dos clubes dos brancos, principais lugares da elite e classe média taquarense, existem os espaços físicos no centro da cidade, imponentes patrimônios histórico-culturais: o Clube Comercial e a Sociedade 5 de Maio. Porém, em nenhum deles, existe um espaço destinado à memória com documentos ou objetos. Embora estes sejam em quantidade mínima - livros de atas, registros jornalísticos, algum documentos e fotos - são poucos e poderiam estar melhor organizados. A direção atual do Clube Comercial está empenhada em pensar uma solução para que um dia tal espaço exista.

### **Considerações finais**

A legislação sobre patrimônio cultural assegura que o Estado deve garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso a fontes de cultura com base na diversidade. Isso deve colaborar para que sejam protegidas as manifestações referentes ao negro e ao indígena.

A memória do Flor do Sul pode ser considerada um patrimônio cultural de natureza imaterial, embora uma geração dos habitantes da cidade de Taquara ignore que um dia o mesmo tenha existido. Sua mentora, Palmira de Souza, e suas ações foram referência na formação da identidade dos jovens negros e mais tarde também dos brancos daquele município no século passado. A memória dos diferentes grupos que fizeram parte dessa sociedade através das festas, rainhas, grupos esportivos, teatro e atividades recreativas não merecem cair no esquecimento.

As sociedades e clubes negros - também conhecidos como salões de bailes - que existiram (e ainda existem) em nosso Estado, foram de grande importância na preservação da cultura e construção da cidadania negra por gerações. É imprescindível nos mobilizarmos para que esta amnésia cultural seja revertida e que as próximas gerações

conheçam a história dos negros, e seus espaços e ações, pautada em mais de um paradigma e este não deve ter apenas a visão do lado dominante.

### Referências

BARROSO, Vera Lucia Maciel; MOSSMANN-SOBRINHO, Paulo Gilberto (Orgs.). *Raízes de Taquara*. v. 1. Porto Alegre: EST, 2008.

BITTENCOURT-JÚNIOR, Iosvaldyr Carvalho. *A esquina do Zaire: territorialidade negra urbana em Porto Alegre*. Porto Alegre: EU Porto Alegre, 1995.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GIACOMINI, Sônia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte de Rio de Janeiro - o Renascença Clube*. Minas Gerais: UFMG, 2006.

GUIMARÃES, Antônio S. Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

LOPES, Nei. *Dicionário Escolar Afro-Brasileiro*. São Paulo: Selo Negro, 1985.

MELLO, Luís Carlos. Entrevista concedida a Edianie Azevedo Bardoni em julho de 2009 para a pesquisa do curso de História africana e afro-brasileira da FAPA-RS.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política de esquecimento? *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 3, ago./nov. 2010. Disponível em: <<http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/35/35>>. Acesso em: 28 maio 2014.

MOTTA, Odete de Souza. Entrevista concedida a Edianie Azevedo Bardoni em julho de 2009 para a pesquisa do curso de História africana e afro-brasileira da FAPA-RS.

NASCIMENTO, Abdias; NASCIMENTO, Elisa L. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1977. In: HUNTLEY, Lynn; GUIMARÃES, Antônio S. A. (Orgs.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: NORA, Pierre (Org.). *Les lieux de mémoire*. v. 1. Paris: Gallimard, 1984.